

Plantas reconhecidas e utilizadas como recurso em Santana da Serra, semi-árido norte mineiro.

Reinaldo Duque-Brasil^{1,3} (rduquebrasil@yahoo.com.br); France Maria Gontijo Coelho^{2,3}; Lucas Marinho Poeiras^{1,3}; Gustavo Taboada Soldati^{1,3}. ¹Estudantes de graduação em Ciências Biológicas; ²Professora do Departamento de Economia Rural; ³Universidade Federal de Viçosa.

Introdução

Este resumo trata de pesquisa que busca compreender a percepção local sobre as plantas e as alternativas para a conservação da caatinga norte mineira. Essa investigação questiona quais plantas são reconhecidas como recurso na comunidade rural de Santana da Serra e as principais formas de apropriação e uso de plantas. Sob o enfoque da ecologia humana, os processos de decisão sobre o uso dos recursos naturais estariam relacionados com a percepção, o conhecimento e o relacionamento das populações humanas com a biodiversidade local (Begossi et al. 2002). Estudos etnobotânicos em comunidades rurais podem contribuir para o conhecimento dos usos dados às plantas, além da disponibilidade dos recursos vegetais e seu atendimento às necessidades da população local durante o ano (Albuquerque e Andrade 2002). Assim, o conhecimento botânico local e as formas de uso e obtenção de plantas, são fatores de implicação direta para a conservação da biodiversidade (Diegues 2000).

Objetivo

O presente estudo tem como objetivos: 1) a partir da percepção dos moradores, listar as plantas reconhecidas e utilizadas como recurso em Santana da Serra; 2) identificar onde são obtidos esses recursos, suas formas de apropriação e uso; 3) formular questões sobre fatores que possam influenciar os padrões de uso dos recursos vegetais na caatinga norte mineira; 4) fomentar o conhecimento botânico local como prática para conservação da biodiversidade.

Material e Métodos

A pesquisa está sendo realizada em Santana da Serra, distrito rural de Capitão Enéas, município situado na Bacia do Rio Verde Grande. A vegetação característica da região apresenta composição florística complexa, envolvendo várias fisionomias de caatinga e matas secas, que variam de acordo com o relevo e as condições edáficas locais, ocorrendo em afloramentos de calcário, ardósia e siltito, solos arenosos e argilosos (Brandão 2000). Entretanto, grandes projetos de irrigação e a indústria siderúrgica, além das atividades pecuária, madeireira e carvoeira, promovem o desmatamento na região. Por isso, as matas secas do Verde Grande são consideradas áreas prioritárias para a conservação da biodiversidade em Minas Gerais (Brandão 2000). Para coleta de dados, por meio de turnês-guiadas (Mejía 2002, e Albuquerque e Lucena 2004), as plantas consideradas como recursos foram reconhecidas e citadas espontaneamente pelo grupo de participantes da pesquisa. Esse grupo foi composto por cinco pessoas indicadas, por membros da comunidade reconhecidos como conhecedores de plantas e seus locais de incidências. Foram eles: Messias, presidente da Associação Comunitária de Santana da Serra, seu irmão Valinho, o vaqueiro Ney e os agricultores Moacir e Dudé. Essa metodologia escolhida facilitou ao pesquisador percorrer as unidades de paisagem percebidas como fonte de recursos vegetais em Santana da Serra. As plantas citadas foram organizadas em lista livre (Mejía 2002) incluindo sua forma e locais de obtenção, forma de uso e parte usada. Foi realizado o registro fotográfico dos locais percorridos nas turnês-guiadas, além de algumas plantas citadas, o que foi recebido com naturalidade pelos parceiros da pesquisa, ou seja, os moradores do lugar.

Resultados e Discussão

As principais unidades de paisagem citadas como fonte de plantas utilizadas foram: 1)“quintais”: considerados locais de plantio de frutíferas ao redor das casas; 2)“roças” e “hortas”: percebidas como fonte de recursos de subsistência e produtos para comercialização; 3)“mata”: reconhecida como fonte de recursos madeireiros; 4)“mato”: também chamado de “capoeiras” e “carrascos”, expressão ampla que designava até áreas de pastagens em regeneração natural; 5)“serra”: considerada fonte de plantas das matas secas e caatingas que cobrem afloramentos rochosos; 6)“mangas”: como são chamadas as pastagens; 7)“olhos d’água”, “matas ciliares”, “brejos” ou “armazém”: outras fontes de recursos vegetais citadas. Foram citadas 155 plantas, sendo 46% para alimentação, 14% remédio e 22% plantas que fornecem madeira, lenha e material de construção, sendo esses os principais usos dados às plantas. Das plantas citadas para uso alimentar 62% são cultivadas nas unidades produtivas. Nos quintais, 38% das plantas citadas, são cultivadas frutíferas como “pinha” (*Annona* sp.), “manga” (*Mangifera indica*), “goiaba” (*Psidium guajava*), “sirigüela” (*Spondias purpurea*), acerola (*Malpighia* sp.), “coco” (*Cocos nucifera*), entre outras. Cultivadas nas roças (11%), estão o “feijão”, “milho”, “mandioca” e “abóbora”. Nas hortas (13%) aparecem “cenoura” e “couve”. Outras, como “batata”, “tomate”, “cebola”, “arroz”, e “feijão” são compradas no armazém, principalmente durante a época de seca, quando não há produção de

alimentos na roça. Outras plantas têm seus frutos coletados nas matas e na serra, onde ocorrem naturalmente, como o “umbuzeiro” (*Spondias tuberosa*). Nos olhos d’água e baixadas encontra-se a “pitomba” (*Talisia esculenta*). Frutos de cactáceas que ocorrem na vegetação rupestre da serra como as “cabeça-de-negro” (*Melocactus* sp.) e as “palmas” (*Opuntia* sp.) também são reconhecidos como alimento, porém não são usualmente consumidos. Muitas plantas reconhecidas fornecem madeira, lenha e material de construção, como “imburana” (*Commiphora leptophloeos*), “pau d’arco” (*Tabebuia* sp.), “angico-branco” (*Caesalpinia leyostachia*), entre várias outras. Foram citadas madeiras de alto valor econômico, como “aroeira” (*Myracrodruon urundeuva*) e “pau-preto” (*Schinopsis brasiliensis*), consideradas ameaçadas de extinção no estado (Brandão 2000). A maior parte das plantas citadas para remédio é obtida por meio de coleta (81%) nas matas (57%). Algumas, como a “imburana-de-cheiro” (*Amburana cearensis*), da qual se coleta a casca e as sementes, podem estar sob pressão de uso enquanto outras são perpetuadas pelo cultivo nos quintais e hortas, como “hortelãs”, “boldos”, e o “capim-santo” (*Cymbopogon citratus*). Algumas plantas são toleradas ao redor das casas ou nas unidades produtivas, por fornecerem sombra e frutos, como o “juazeiro” (*Ziziphus joazeiro*). Outras plantas como o “caruá” (*Neoglaziovia* sp.) fornecem fibras usadas como corda. Muitas fruteiras cultivadas nos quintais também são utilizadas no preparo de sucos, doces e licores, além de plantas, cujas raízes são coletadas “para curtir a pinga”. Foram citadas plantas usadas como enfeite, alimento para o gado, dentre outros usos. Plantas reconhecidas como componentes da vegetação nativa, como as “barrigudas” (*Chorisia* sp.), os “embarés” (*Cavanillesia arborea*), além de cactos como o “mandacaru” (*Cereus jamacaru*) e o “faixo” (*Pilocereus* sp.), foram citadas, mas não são reconhecidos como recurso. Os resultados obtidos até o momento permitiram a construção de novas questões que serão dirimidas em nova ida a campo com a sistematização do que foi identificado por meio de novos diálogos com os parceiros da pesquisa: 1) Quais as plantas que sofrem maior pressão de uso na caatinga norte mineira? 2) Qual a relação entre as plantas cultivadas e o comportamento de subsistência familiar? 3) Qual a influência da disponibilidade temporal e distribuição espacial das plantas em seu uso como recurso?

Conclusões

Pode-se concluir que a extração de frutos, madeira, lenha e plantas medicinais, coletados na vegetação natural, e o cultivo de plantas nas unidades produtivas, principalmente fruteiras nos quintais, aparecem como formas de uso dos recursos vegetais significativas em Santana da Serra. Métodos participativos podem contribuir para compreender a percepção local sobre os recursos vegetais e as motivações dos sujeitos, incluindo o comportamento familiar, no conhecimento e uso de plantas. Portanto, esses aspectos devem ser considerados quando da elaboração de projetos de desenvolvimento local, pois a conservação da caatinga norte mineira muito poderá ser facilitada com participação das populações locais. E, finalmente, métodos quantitativos podem ser úteis para testar hipóteses acerca de como o conhecimento e o uso dos recursos vegetais podem ser influenciados pela intensidade de uso, disponibilidade temporal e distribuição espacial. (Sinceros agradecimentos aos parceiros da comunidade de Santana da Serra, especialmente aos amigos Ney, Dani, Messias, Moacir, Dudé e Valinho, e aos professores José Henrique Schoederer e Marília Contin Ventrella). 5.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Uso de recursos vegetais da caatinga: o caso do agreste do estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). *Interciencia*. v. 27, n. 7, p. 337-346, 2002.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica. Recife: LivroRápido/NUPEEA, 2004. 189 p.

BEGOSSI, A., HANAZAKI, N., SILVANO, R. A. M. Ecologia humana, etnoecologia e conservação. In: AMOROZO, M. C. M., MING, L. C., SILVA, S. M. P. (Eds.) Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas. Rio Claro: UNESP/CNPq, 2002. p. 93-128.

BRANDÃO, M. Caatinga. In: MENDONÇA, M. P., LINS, L. V. (orgs.) Lista vermelha das espécies ameaçadas de extinção da flora de Minas Gerais. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas/ Fundação Zoo-Botânica de Belo Horizonte, 2000. p.75-85.

DIEGUES, A.C. (org.) Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. NUPAUB/ USP, São Paulo, 2000. 290p.

MEJÍA, M. A. Métodos e instrumentos para la investigación etnoecológica participativa. *Etnoecológica*, v. 6, n. 8, p. 129-143, 2002.